

Bahia e Sergipe: um Contínuo Linguístico que Perdura no Tempo

Jacyra Andrade **MOTA**¹
Josane Moreira de **OLIVEIRA**²

¹ Doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2002). Professora Doutora Associada II na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Contato: jacymota@gmail.com

² Doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2006). Professora Doutora Titular na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Professora Doutora Titular na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Contato: josanemoreira@hotmail.com

Resumo:

Este artigo apresenta um estudo comparativo de dados lexicais do *Atlas prévio dos falares baianos* - APFB (ROSSI, 1963), do *Atlas lingüístico de Sergipe* - ALS (FERREIRA *et al.*, 1987) e do *Atlas lingüístico do Brasil* - ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014) com o intuito de verificar a existência, do ponto de vista lexical, de um contínuo entre Bahia e Sergipe, estados que integram o chamado subfalar baiano na proposta de Nascentes (1953) para uma divisão dialetal do Brasil. O *corpus* da pesquisa é constituído de dados das cartas 124 a 140 do ALS e das cartas correspondentes do APFB. Quanto aos dados do ALiB, são consideradas apenas quatro perguntas, que têm correspondentes no APFB e no ALS. Comparando dados lexicais da Bahia e de Sergipe das áreas semânticas da Fauna e de Atividades Pastorais dos três atlas referidos, que cobrem um intervalo de cerca de 40 anos, sustenta-se a hipótese de um contínuo linguístico Bahia – Sergipe que perdura no tempo.

Palavras-chave:

APFB. ALS. ALiB. Variação lexical. Bahia. Sergipe.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 1, p. 11-28, abr. 2022

Recebido em: 20/01/2022

Aceito em: 04/05/2022

Bahia e Sergipe: um Contínuo Linguístico que Perdura no Tempo

Jacyra Andrade Mota; Josane Moreira de Oliveira

INTRODUÇÃO

Este artigo, em homenagem a Carlota da Silveira Ferreira, uma das pioneiras da Dialectologia brasileira, tem por objetivo apresentar resultados de pesquisa sobre a existência (ou não) de um contínuo linguístico Bahia – Sergipe, a partir do exame da variação lexical documentada em algumas cartas do *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB)³ e do *Atlas lingüístico de Sergipe* (ALS)⁴, “tendo em vista [...] o fato de esses dados haverem sido recolhidos por um mesmo tipo de investigação lingüística, pelo mesmo grupo de trabalho, com aplicação de procedimentos metodológicos semelhantes” (FERREIRA; MOTA; ROLLEMBERG, 1994, p. 111).

Confrontam-se as cartas de número 124 a 140 do ALS (FERREIRA *et al.*, 1987) com as suas correspondentes no APFB (ROSSI, 1963), que dizem respeito aos campos semânticos da Fauna e das Atividades Pastoris, observando-se principalmente a área limítrofe entre Bahia e Sergipe, no intuito de observar a continuidade linguística entre os dois estados, considerando a proposta de Nascentes (1953) de que ambos os estados integram uma mesma área dialetal (cf. Figura 4). Faz parte também deste trabalho a identificação de possíveis subáreas dialetais no estado de Sergipe, através da análise das mesmas cartas do ALS já mencionadas. A hipótese que sustenta este trabalho baseia-se em Ferreira, Mota e Rollemborg (1994), que afirmam:

Dados extra-lingüísticos, tais como a história política dos Estados de Bahia e Sergipe, a sua formação populacional, a semelhança de colonização, a vizinhança geográfica e, numa perspectiva sincrônica, a atividade de pequena lavoura predominante na área rural, explicam as coincidências que, do ponto de vista lingüístico, apresentam as duas áreas, coincidências já ressaltadas por Antenor Nascentes [1953] ao considerar como um único falar, o ‘falar baiano’, a realidade lingüística dos dois Estados e evidenciadas pelas cartas do **Atlas Prévio dos Falares Baianos** (APFB) e do **Atlas Lingüístico de Sergipe** (ALS).

Um grande número de isoglossas abrange a área Bahia-Sergipe, confirmando a classificação do mestre filólogo. Há, contudo, isoglossas de menor amplitude que demonstram a existência de diversidade dentro da área (FERREIRA; MOTA; ROLLEMBERG, 1994, p. 111).

Em uma seção específica, apresentam-se alguns dados extraídos do *corpus* do *Atlas lingüístico do Brasil* (ALiB)⁵ também referentes aos dois estados sob exame. Quanto ao ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014)⁶, são examinados dados referentes a quatro perguntas cujas respostas ainda não foram cartografadas, as únicas com equivalência no APFB e no ALS no campo semântico da Fauna aqui examinado.

Outros estudos já foram realizados com o objetivo de comparar dados da Bahia e de Sergipe a partir de dados cartografados no APFB e no ALS, como, por exemplo, os de Cardoso (1994)⁷, Cardoso e Rollemborg (1994), Ferreira, Mota e Rollemborg (1994) e Ferreira e Rollemborg (1994), que atestam semelhanças entre

³ Publicado em 1963.

⁴ Publicado em 1987, embora estivesse pronto desde 1973.

⁵ Publicado em 2014.

⁶ Nem todas essas cartas que constam do APFB e do ALS têm correspondentes no ALiB, como se verá adiante.

⁷ Republicado em 2021, cf. referência (CARDOSO, 2021).

as variedades dos dois estados. Em andamento, encontra-se a tese que vem sendo realizada por Thaís Dultra Pereira, intitulada *A fauna na Bahia e em Sergipe, ontem e hoje*⁸, que apresentará o confronto entre alguns itens documentados nos dois atlas – APFB, ALS – e no *corpus* do Projeto ALiB.

Assim, este artigo se estrutura em cinco seções – A Dialectologia; O APFB, o ALS e o ALiB: questões metodológicas; Bahia e Sergipe: comparação de dados do APFB e do ALS; Subáreas dialetais em Sergipe; O que mostra o ALiB sobre Bahia e Sergipe – além desta Introdução, das Considerações finais e das Referências.

1. A DIALETOLOGIA

A existência de diferenças na fala das pessoas ou grupos de pessoas vem sendo constatada desde muito tempo. Todavia o tratamento científico dessas diferenças se consolidou no fim do século XIX, sobretudo com a autonomia de ciências linguísticas como a Dialectologia, que, com o método da geografia linguística, se propôs a estudar a fala viva e popular.

A Dialectologia ganhou importância e prestígio na França, que, devido à sua grande variedade regional na época, destacou a necessidade de estudo das muitas falas ali viventes sujeitas à desaparecimento resultante de uma integração niveladora ou da imposição de uma variedade linguística prestigiada.

Como sugere a própria morfologia do termo, a Dialectologia é a ciência linguística que se ocupa dos dialetos, isto é, ela visa ao estudo da variação regional da língua. Para os estudiosos dessa ciência, os fenômenos linguísticos são prioritariamente considerados dentro de sua dimensão espacial.

Os primeiros atlas linguísticos surgem no século XIX. De caráter monodimensional, esses atlas resultam de um catálogo de perguntas aplicado em redes de pontos, seja por correspondência, seja por anotações do pesquisador *in loco*, com o objetivo de conhecer a realidade linguística de um espaço físico e descrever áreas linguísticas de um território definido politicamente. Tal modelo, válido ainda hoje, caracteriza o APFB e o ALS, atlas que, segundo Mota e Cardoso (2006), integram a terceira fase da Geolinguística brasileira⁹.

[...] no início do século XX, surgem os chamados atlas linguísticos pluridimensionais. Extrapolando a dimensão diatópica, esses novos atlas registram também outras dimensões da variação linguística – a diastrática, a diageracional, a diassexual, a diafásica, a diarreferencial e até mesmo a dialingual. Salta-se do informante Haras (homem, adulto, rurícola, analfabeto, sedentário) para um universo mais ampliado de informantes de áreas rurais e urbanas, de níveis diferentes de escolaridade, de idades diferenciadas, de ambos os sexos e em situações diferentes de fala (OLIVEIRA, 2020, p. 55).

Considerando que a Dialectologia incorpora então o aparato metodológico da Sociolinguística, nessa fase já se pode falar em Geossociolinguística, “pois claramente os atlas conjugam variáveis geográficas e sociais na documentação e na análise de fenômenos linguísticos” (OLIVEIRA, 2020, p. 55). Esse modelo da Geolinguística pluridimensional caracteriza o ALiB, que, ainda segundo Mota e Cardoso (2006), integra a quarta fase da Geolinguística brasileira¹⁰.

⁸ A doutoranda submeteu-se a Exame de Qualificação em 26 de novembro de 2021, tendo sido aprovada. Em sua tese (em andamento), Pereira (2021) levantou dados de nove localidades do APFB (Barra, Caetité, Carinhanha, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Santana, Vitória da Conquista e Santa Cruz Cabrália) e duas do ALS (Propriá e Estância), coincidentes com pontos do ALiB, comparando também os três atlas. Da sua análise constam as cartas “cria da ovelha”, “gambá” e “sanguessuga”. Neste texto, além dos dados apresentados por Pereira (2021), foram considerados também os dados dos demais pontos do APFB e do ALS e os dados de Salvador e Aracaju, do ALiB.

⁹ As autoras estabelecem quatro fases: 1ª fase: 1826 – 1919 – trabalhos de natureza lexicográfica, identificando particularidades do português brasileiro (dicionários, vocabulários e glossários regionais); 2ª fase: 1920 – 1951 – obras de cunho monográfico que descrevem regiões específicas, trabalhos de descrição do português falado no Brasil e outros sobre a contribuição das línguas indígenas e africanas ao idioma nacional; 3ª fase: 1952 – 1995 – primeiros trabalhos de base geolinguística, atlas estaduais e regionais; 4ª fase: 1996 até os dias atuais – retomada da ideia de um atlas nacional pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

¹⁰ Teles (2018) propõe que a publicação dos dois primeiros volumes do ALiB, em 2014, marca o início da quinta fase da Geolinguística brasileira.

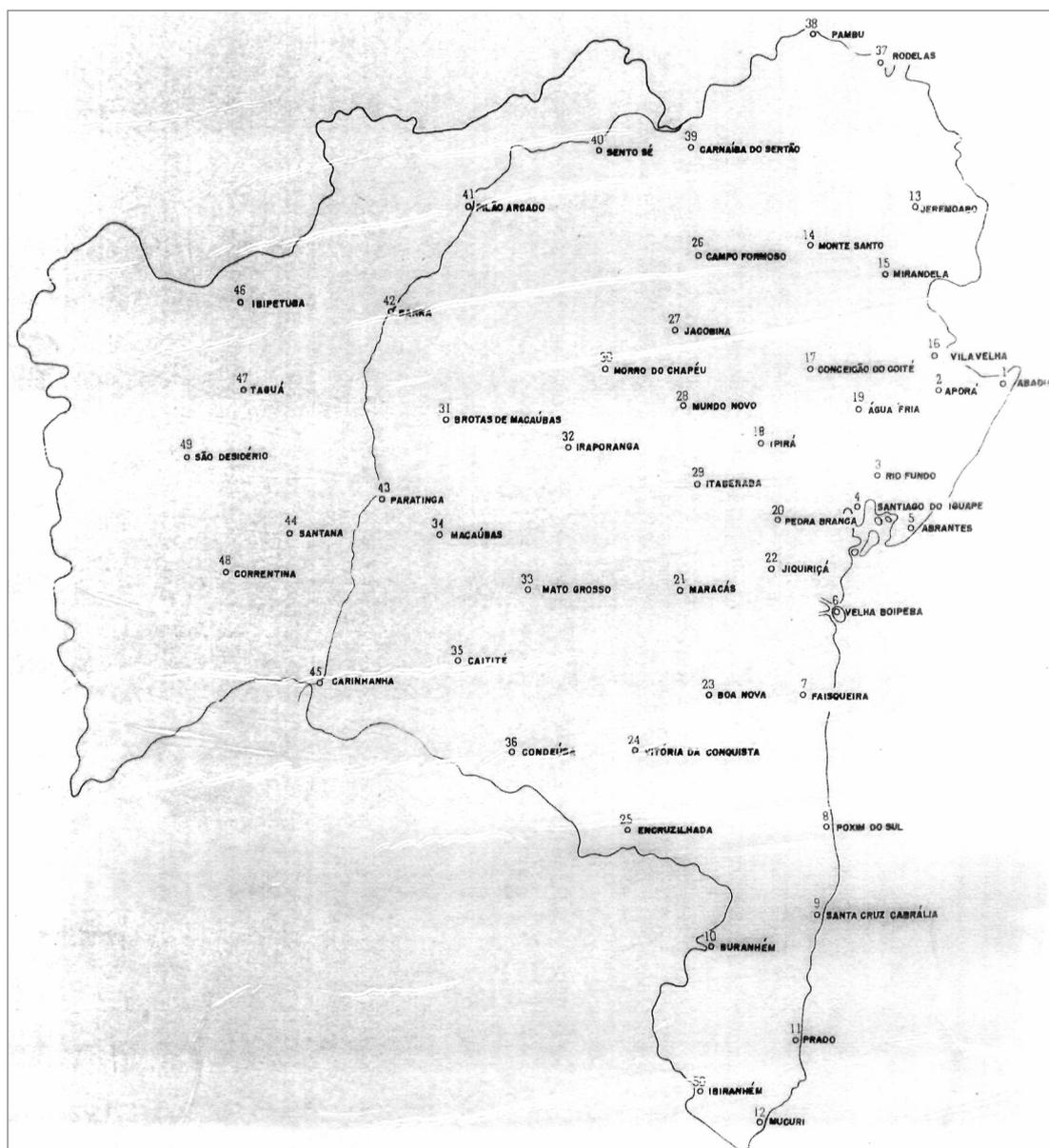
É importante ficar claro que a Dialectologia trabalha com dados reais, ou seja, estuda a língua na fala viva e atuante, no ato concreto de comunicação. Várias e úteis aplicações tem a Dialectologia, dentre as quais se destaca a de fornecer material para o estudo histórico da língua ou de uma nação e para uma política educacional da língua.

2. O APFB, O ALS E O ALiB: QUESTÕES METODOLÓGICAS

O confronto entre esses atlas, elaborados em momentos distintos da história da Linguística e da Dialectologia no Brasil – embora contando com a presença de representantes do grupo pioneiro liderado por Nelson Rossi –, requer que se levem em consideração algumas questões metodológicas, tais como:

a) A relação entre a rede de pontos pesquisada e a densidade demográfica das áreas, neste caso dependente fortemente da extensão a pesquisar e das condições financeiras disponíveis para os projetos. A Bahia, com 564.733,177 km², contou com inquéritos em 50 pontos; enquanto Sergipe, com 21.910 km², contou com inquéritos em 15 pontos, distribuídos geograficamente por todo o estado. A rede de pontos do APFB e do ALS podem ser visualizadas nas figuras 1 e 2, respectivamente.

Figura 1 - Rede de pontos do APFB.



Fonte: Rossi (1963, Carta V).

Figura 2 - Rede de pontos do ALS.



Fonte: Ferreira *et al.* (1987, Carta IV).

b) Os recursos técnicos para o registro da fala dos entrevistados, nulos à época da realização do APFB, por ausência tanto de aparelhos movidos a pilha como de rede elétrica nas cidades do interior da Bahia que permitissem o uso de aparelhos elétricos. Vale observar que, mesmo quando havia energia elétrica na localidade, não havia aparelhos portáteis que pudessem acompanhar o deslocamento dos inquiridores. Nesse caso, os inquiridores baianos foram levados a repetir a façanha de Edmond Edmont, no interior da França, no fim do século XIX, na recolha de dados para a elaboração do *Atlas linguistique de la France* (GILLIÉRON; EDMONT, 1902-1910): ouviram a resposta e a transcreveram imediatamente, de modo tão fiel quanto possível.

Os inquiridores do APFB estavam, porém, em melhores condições do que aquele, como se depreende do testemunho de Rossi (1965), no volume de Introdução ao *Atlas prévio dos falares baianos*, lembrado pela nossa homenagem em artigo sobre o APFB (cf. FERREIRA, 1998, p. 19): “[...] julgamos lícito admitir que éramos os menos aprendizes que se podia ser antes de haver tentado um atlas”.

No ALS, os inquéritos foram realizados em gravadores portáteis movidos a pilha, com utilização de minifitas de rolo, disponíveis, à época, para trabalho de campo.

Em 2001, quando se iniciaram os inquéritos para o ALiB, utilizaram-se registros em mini CDs ou minidiscos, em CDs e DVDs, que foram transcritos e arquivados nas Universidades participantes do Projeto.

c) A própria metodologia dos estudos dialetológicos, que, desde o *Atlas linguístico de Sergipe*, passou a contar com a distribuição sistemática de informantes por sexo, em todas as localidades, colocando-o entre os três primeiros atlas linguísticos bidimensionais¹¹, diferentemente do APFB, que, apesar de realizar entrevistas com homens e mulheres, em geral, dois informantes por localidade, não respeitou a dimensão sexual, em todas as localidades. No APFB, dos 100 entrevistados, 57 eram mulheres e 43 eram homens.

¹¹ No Brasil, também o *Atlas linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994) se estruturou como bidimensional. Thun (2017) comenta que esses atlas estão entre os três primeiros atlas bidimensionais, citando como o terceiro o micro atlas do Val d’Aran, inserido na monografia de Otto Wilckmann (2011).

No ALiB, cuja rede abarca 250 pontos (cf. Figura 3), destaca-se ainda a inclusão de localidades de médio e grande porte – inclusive das capitais de estado¹² – e, dentro dos parâmetros da Dialetoologia Pluridimensional (THUN, 2017), de informantes estratificados em duas faixas etárias, dois sexos e alfabetizados (com nível fundamental e, nas capitais, também com nível universitário), tendo-se abandonado os analfabetos e semialfabetizados, mais ligados ao meio rural, como na chamada Dialetoologia tradicional.

É importante ressaltar ainda que lacunas persistem, mesmo após uma análise cuidadosa dos resultados disponíveis, relacionadas, muito frequentemente, ao próprio método dialetológico. Nesse sentido, citam-se aqui dois aspectos: a importância da dimensão diatópica na Dialetoologia e a necessidade de um número relativamente elevado de entrevistadores, afastando-se do ideal de inquiridor único proposto por Gilliéron.

No ALiB, a extensão territorial percorrida foi de 277.851 km, equivalentes a quase sete voltas ao redor da terra na linha do Equador, como costumava lembrar Suzana Alice Cardoso, idealizadora do projeto de realização de um Atlas Linguístico do Brasil, no tocante à língua portuguesa, e Diretora Presidente do Comitê Nacional que o coordenava até o seu falecimento, em 2018. Esses quilômetros foram percorridos por 33 inquiridores, em geral acompanhados de auxiliares, que se deslocaram para documentar a fala de 1.100 indivíduos, registrando, às vezes, denominações desconhecidas, como, por exemplo, *catende* para “lagartixa” e *peteca* para “bolinha de gude”.

Quanto à idade dos informantes, no ALiB, incluíram-se apenas duas faixas etárias – a primeira, de 18 a 30 anos, e a segunda, de 50 a 65 anos –, tendo-se deixado de fora uma faixa intermediária.

Figura 3 - Rede de pontos do ALiB.



Fonte: Cardoso *et al.* (2014, v. 2, p. 59).

¹² Exceto Palmas e Brasília, por razões metodológicas.

O Quadro 1, a seguir, apresenta os nomes das localidades referentes às redes de pontos apresentadas nas figuras 1 e 2.

Quadro 1 - Localidades do APFB (1 a 50) e do ALS (51 a 65).

1. Abadia	18. Ipirá	35. Caetité	52. Tomar do Geru
2. Aporá	19. Água Fria	36. Condeúba	53. Estância
3. Rio Fundo	20. Pedra Branca	37. Rodelas	54. Pedrinhas
4. Santiago do Iguape	21. Maracás	38. Pambu	55. São Cristóvão
5. Abrantes	22. Jiquiriçá	39. Carnaíba do Sertão	56. Itaporanga
6. Velha Boipeba	23. Boa Nova	40. Sento Sé	57. Laranjeiras
7. Faisqueira	24. Vitória da Conquista	41. Pilão Arcado	58. Simão Dias
8. Poxim do Sul	25. Encruzilhada	42. Barra	59. Divina Pastora
9. Santa Cruz Cabrália	26. Campo Formoso	43. Paratinga	60. Ribeirópolis
10. Buranhém	27. Jacobina	44. Santana	61. Brejo Grande
11. Prado	28. Mundo Novo	45. Carinhanha	62. Propriá
12. Mucuri	29. Itaberaba	46. Ibipetuba	63. Nossa Senhora da Glória
13. Jeremoabo	30. Morro do Chapéu	47. Taguá	64. Gararu
14. Monte Santo	31. Brotas de Macaúbas	48. Correntina	65. Curalinho
15. Mirandela	32. Itaporanga	49. São Desidério	
16. Vila Velha	33. Mato Grosso	50. Ibiranhém	
17. Conceição do Coité	34. Macaúbas	51. Santa Luzia	

Fonte: Elaboração própria.

Quanto às localidades apresentadas na rede de pontos da Figura 3, consideram-se aqui apenas as coincidentes com o APFB na Bahia e com o ALS em Sergipe. Para o total de 250, ver <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>.

Quadro 2 - Localidades do ALiB coincidentes com as do APFB e do ALS.

BAHIA		SERGIPE
82. Jeremoabo	92. Santana	78. Propriá
84. Barra	97. Carinhanha	80. Estância
86. Jacobina	98. Vitória da Conquista	
90. Itaberaba	101. Santa Cruz Cabrália	

Fonte: Elaboração própria.

Delimitados os pontos, procedeu-se ao levantamento dos dados das cartas selecionadas para um estudo comparativo entre Bahia e Sergipe, cujos resultados são apresentados e discutidos nas seções seguintes.

3. BAHIA E SERGIPE: COMPARAÇÃO DE DADOS DO APFB E DO ALS

No intuito de verificar a existência ou não de continuidade linguística entre os estados de Bahia e Sergipe, ambos integrantes, juntamente com o Norte de Minas Gerais e o Leste do então Estado de Goiás, do subfalar baiano, na proposta de Nascentes (1953) para a classificação dos dialetos brasileiros (cf. Figura 4), foram examinadas 17 cartas do *Atlas lingüístico de Sergipe* (as de nº 124 a 140) e as correspondentes no *Atlas prévio dos falares baianos* (as de nº 125 a 137 e 141 a 143), tendo sido considerados os dados de todas as localidades de ambas as redes de pontos.

Figura 4 - Proposta de Nascentes (1953) de divisão dialetal do Brasil.



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 700).

A análise aqui feita considerou tão somente o nível lexical das formas linguísticas constantes das cartas. Desprezou-se, pois, a variação fonética tão bem documentada no APFB e no ALS. A razão de tal procedimento é meramente metodológica, preferindo-se, assim, considerar os itens lexicais em sua forma ortográfica.

Comparando os dados encontrados nas cartas examinadas do APFB e do ALS, obtiveram-se os resultados seguintes:

- quatro cartas apresentaram uma total identidade linguística entre os dois estados, isto é, a forma que ocorreu na Bahia foi a mesma e única que ocorreu em Sergipe, como se pode ver no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 - Identidade total entre Bahia e Sergipe.

CARTA - BA	CARTA - SE	PERGUNTA	ITEM LEXICAL
127	126	“tipo de batráquio”	<i>çaçote</i>
130	131	“entumecer o úbere da vaca”	<i>amojar</i> ¹³
133	134	“tipo de carneiro que dá muita lâ”	<i>merinó</i> ¹⁴
137	140	“boi branco”	<i>alvação</i>

Fonte: Elaboração própria.

¹³ A forma verbal *amojar* apareceu com diversas flexões, inclusive em formas compostas com verbos auxiliares, mas se registra neste texto a forma não marcada do infinitivo, pois se trata de uma análise lexical.

¹⁴ Registrou-se nessa carta, com uma ocorrência, a forma *luminó*, recolhida a um circunstante no ponto 28. Por ser única, por ter sido ouvida de um circunstante e por ter sido documentada nesse ponto também a forma *merinó*, considerou-se homogênea a carta.

● nove cartas apresentaram uma identidade linguística parcial entre Bahia e Sergipe, pois há formas comuns aos dois estados – e são estas a maioria –, mas há outras formas que ocorrem isoladamente ora num ora noutro estado. Observe-se o Quadro 4, a seguir:

Quadro 4 - Identidade parcial entre Bahia e Sergipe.

PERGUNTA	CARTA		FORMAS - BA		FORMAS - SE	
	BA	SE	Itens Lexicais	Total de Pontos	Itens Lexicais	Total de Pontos
“lagartixa”	125	124	<i>lagartixa</i> <i>catende</i> <i>taruíra</i>	40 10 3	<i>lagartixa</i> <i>catende, catenga</i> ¹⁵ <i>briba, víbora</i> <i>cangambá</i> ¹⁶	12 5 3 4, 1 1
“réptil semelhante à lagartixa”	126	125	<i>briba, víbora</i>	45	<i>briba</i> <i>catenga</i> <i>catende</i>	6 2 1
“sanguessuga”	128	127	<i>sanguessuga</i> <i>mazá</i> <i>chupão</i> <i>puxão</i> ¹⁷ <i>manzuá</i> ¹⁸	40 7 4 1 1	<i>sanguessuga</i>	15
“gambá”	141	128	<i>gambá</i> <i>cangambá</i>	24 15	<i>cangambá</i>	8
“armadilhas de caça”	142 e 143	129	<i>mundéu</i> <i>fojo</i> <i>laço</i> <i>arataca</i> <i>jequi</i> ¹⁹ <i>enxó, quixó</i> <i>esparrela</i> <i>poleiro</i> <i>zabumba</i> ²⁰ <i>carpão</i> ^{*21} <i>desordem</i> ²² <i>caçamba</i> ²³ <i>champrão</i> ^{*24}	47 16 14 9 6 3, 2 2 2 1 1 1 1 1	<i>laço</i> <i>jequi</i> <i>mundéu</i> <i>arataca</i> <i>esparrela</i> <i>zabumba</i> <i>espera</i> <i>ratoeira</i> <i>munzuá</i>	5 5 3 3 3 3 3 1 1

Continua

¹⁵ As formas *catengo* e *catengue* foram consideradas variantes de *catenga*, que foi eleita para representá-las por ser a única das três registrada em dicionário. O dicionário *Anlete Digital* (2021) registra *catenga* como variante de *catende*, ambas provenientes do quimbundo, com a mesma acepção.

¹⁶ Forma com uma única ocorrência no ponto 65 do ALS (Currallinho).

¹⁷ Forma com uma única ocorrência no ponto 18 do APFB (Ipirá). O informante responde *chupão* e, a seguir, *puxão*.

¹⁸ Forma com uma única ocorrência no ponto 14 do APFB (Monte Santo).

¹⁹ Foram adotadas aqui a forma *jequi* (e não *jiqui*) e *enxó* (e não *inxó*), como se encontram nas notas das cartas em questão, por estarem aquelas e não estas dicionarizadas.

²⁰ Forma com uma única ocorrência no ponto 15 do APFB (Mirandela).

²¹ Forma com uma única ocorrência no ponto 17 do APFB (Conceição do Coité).

²² Forma com uma única ocorrência no ponto 10 do APFB (Buranhém).

²³ Forma com uma única ocorrência no ponto 16 do APFB (Vila Velha).

²⁴ Forma com uma única ocorrência no ponto 26 do APFB (Campo Formoso).

“gado de pequeno porte”	129	130	<i>criação</i> <i>criatório</i> <i>miunça</i>	32 9 1	<i>criação</i> <i>miunça</i>	10 1
“cria da ovelha”	131	132	<i>borrego</i> ²⁵ <i>cabrito</i> ²⁶ <i>marrã</i> <i>carneirinho</i> ²⁷ <i>bezerro</i> <i>bodete</i> <i>bodego</i>	33 30 3 1 1 1 1	<i>borrego</i> <i>cabrito</i> <i>marrã</i> <i>carneirinho</i> <i>ovelhinha</i> ²⁸	11 11 6 3 1
“cabra sem chifres”	132	133	<i>mocha</i> <i>murcha</i> <i>mouca</i> <i>suruca</i> ^{*29} <i>toca</i> ³⁰	48 8 3 1 1	<i>murcha</i> <i>mocha</i> <i>mavó</i> ^{*31} <i>mofina</i> ³²	9 7 1 1
“porco que cresce pouco e engorda muito”	134	135	<i>baé</i> ³³	49	<i>baé</i> <i>faixa branca</i> ³⁴ <i>alanchim</i> ^{*35} <i>palanchim</i> ^{*36}	14 1 1 1

*Lexias não dicionarizadas, cuja grafia foi proposta aqui³⁷.

Fonte: Elaboração própria.

As cartas de nº 136, 137, 138 e 139 de Sergipe, cujas correspondentes baianas são as de nº 135 e 136, foram analisadas separadamente das restantes. O motivo que levou a esse procedimento foi o fato de em Sergipe serem essas cartas “designações do boi conforme a idade”, desdobradas em 1ª, 2ª e 3ª fases e semasiologia, ao passo que na Bahia não se fez a distinção em fases. Sendo assim, comparou-se o conjunto de formas da Bahia com o de Sergipe, considerando-se, inclusive, formas que, apesar de não estarem transcritas na carta, estão nas notas, fazendo parte de comentários feitos pelos informantes quando da realização do questionário. Assim, observou-se que houve uma continuidade linguística entre os dois estados, sobretudo se se consideram as explicações dadas pelos informantes para os itens que enunciaram. Os informantes da Bahia, embora não lhes tenha sido feita uma pergunta específica para cada fase etária do boi, informaram-nas em seus comentários, o que facilitou a comparação dos dados. O resultado do exame dessas cartas está apresentado no Quadro 5, a seguir:

²⁵ A forma *borrego* abrange as ocorrências de *borrego*, *borreguinho* e *borregozinho* por se considerar as duas últimas formas como derivadas da primeira (estão na forma de diminutivo).

²⁶ A forma *cabrito* abrange as ocorrências de *cabrito* e *cabritinho*, pois esta última é o diminutivo regular da primeira e, portanto, dela derivada.

²⁷ Adotou-se aqui a forma *carneirinho* e não a sua primitiva e não marcada *carneiro* por esta não ter sido registrada na carta.

²⁸ Adotou-se a forma *ovelhinha* e não a sua primitiva *ovelha* por esta não ter sido documentada.

²⁹ Forma não dicionarizada com essa acepção. Apresentou uma única ocorrência no ponto 24 do APFB (Vitória da Conquista).

³⁰ Forma com uma única ocorrência no ponto 21 do APFB (Maracás).

³¹ Forma com uma única ocorrência no ponto 65 do ALS (Currálinho).

³² Forma com uma única ocorrência no ponto 61 do ALS (Brejo Grande).

³³ A forma *baé* abrange as ocorrências de *baé* e *baezinho*, pois esta última é o diminutivo regular da primeira e, portanto, dela derivada.

³⁴ Forma com uma única ocorrência no ponto 58 do ALS (Simão Dias).

³⁵ Forma com uma única ocorrência no ponto 53 do ALS (Estância).

³⁶ Forma com uma única ocorrência no ponto 54 do ALS (Pedrinhas).

³⁷ A grafia proposta para as formas não dicionarizadas não se baseou em critérios etimológicos. Despretensiosamente, pois, buscou-se apenas representar graficamente o mais fielmente possível as realizações fonéticas registradas nas cartas examinadas. Os dicionários consultados foram o de Ferreira (1986), o VOLP (2021-2022) (*online*) e o *Aulete Digital* (2021) (*online*).

Quadro 5 - Designações para as fases etárias do boi na Bahia e em Sergipe.

“Designações do boi conforme a idade”	BA (cartas 135 e 136)	SE (cartas 136 a 139)
1ª fase	<i>bezerro</i> <i>novilho</i>	<i>bezerro</i> <i>novilho</i>
2ª fase	<i>mamote</i> <i>garrote</i>	<i>mamote</i> <i>garrote</i>
3ª fase	<i>boi</i> <i>catueiro</i> <i>marruá</i>	<i>boi</i>

Fonte: Elaboração própria.

Tendo em vista o fato de todas as formas que predominaram no território sergipano, pelo menos nas cartas aqui trabalhadas, estarem presentes no território baiano, principalmente na área limítrofe e, na maioria das vezes, terem sido também predominantes na Bahia, pode-se dizer que se trata de uma mesma área dialetal, pois Sergipe pode ser visto como uma região que continua a realidade linguística da Bahia. Note-se que as formas que muito se documentaram apenas em Sergipe ocorreram em um número pequeno e muitas vezes ao lado das formas comuns.

Os dados dos quadros 4 e 5, apesar de atestarem a presença de formas lexicais que só ocorreram num ou noutro estado, comprovam uma forte unidade linguística entre Bahia e Sergipe. As formas comuns às duas áreas, quando não se documentaram na maioria dos pontos, marcaram uma presença significativa na área limítrofe entre os dois estados. Ressalte-se que muitas das formas específicas ora de um ora de outro estado ocorreram juntamente com as formas comuns, isto é, em várias cartas, no mesmo ponto, havia a forma comum e a forma isolada.

Para uma melhor visualização desse resultado, observe-se o Quadro 6, a seguir, que contém apenas as lexias comuns e a indicação do seu comportamento, isto é, se foram maioria e/ou se se documentaram em área limítrofe³⁸.

Quadro 6 - Lexias comuns documentadas na Bahia e em Sergipe.

PERGUNTA	CARTA		LEXIAS COMUNS	ÁREA LIMÍTROFE	MAIORIA	
	BA	SE			BA	SE
“lagartixa”	125	124	<i>lagartixa</i> <i>catende</i>	X X	X	X
“réptil semelhante à lagartixa”	126	125	<i>briba</i>	X	X	X
“sanguessuga”	128	127	<i>sanguessuga</i>	X	X	X
“gambá”	141	128	<i>cangambá</i>	X		X
“armadilhas de caça”	142 e 143	129	<i>mundéu</i> <i>laço</i> <i>jequi</i> <i>arataca</i> <i>esparrela</i> <i>zabumba</i>	X X X X X X	X	X X

Continua

³⁸ Chama-se aqui área limítrofe à área baiana fronteira com o estado de Sergipe, a saber, os pontos 1, 2, 3, 4, 13, 14, 15, 16, 19 e 37 do APFB. Não se deve esquecer que o limite a que se refere é o geográfico ou territorial, não se tratando, pois, de isoglossas ou limites linguísticos.

“gado de pequeno porte”	129	130	<i>criação</i> <i>miunça</i>	X X	X	X
“cria da ovelha” ³⁹	131	132	<i>borrego</i> <i>cabrito</i> <i>marrã</i> ⁴⁰ <i>carneirinho</i> ⁴¹	X X	X	X X
“cabra sem chifres”	132	133	<i>mocha</i> <i>murcha</i>	X X	X	X
“porco que cresce pouco e engorda muito”	134	135	<i>baé</i>	X	X	X

Fonte: Elaboração própria.

É preciso considerar que, embora o distanciamento entre os dois atlas examinados seja apenas de cerca de sete anos⁴², o que pode ter contribuído para a documentação de formas diferentes nos dois estados diz respeito à metodologia adotada durante a execução dos inquéritos. Consideram-se dados metodológicos importantes o maior conhecimento da área pesquisada, por ocasião dos inquéritos para o ALS, graças não só ao fato de se haver realizado, em Sergipe, inquéritos experimentais nas 15 localidades que viriam a constituir sua rede de pontos, mas também ao conhecimento da sergipana Carlota Ferreira, que liderou a realização desse atlas. Deve-se lembrar ainda a revisão e adaptação do questionário anteriormente utilizado na Bahia, trazendo a redação prévia de todas as questões, assim como o registro magnetofônico de todos os inquéritos.

De qualquer modo, o que importa é que a realidade linguística observada em Sergipe parece ser um reflexo da realidade linguística baiana. Com isso, comprova-se mais uma vez que “tinha Nascentes razão” – retomando a afirmação de Cardoso (1986) –, ao incluir numa mesma área dialetal brasileira Bahia e Sergipe.

4. SUBÁREAS DIALETAIS EM SERGIPE

Sabe-se que a variação diatópica da língua implica a identificação de dialetos, subdialetos e até sub-subdialetos, conceitos não absolutos que só se consideram num contexto relacional. Assim, a área estudada vai se dividindo a partir de isoglossas que são traçadas para demarcar as fronteiras linguísticas, isto é, os dialetos, subdialetos ou sub-subdialetos.

Na tentativa de identificar possíveis subáreas dialetais em Sergipe, que, como foi visto, faz parte de uma área dialetal conhecida como a dos “falares baianos”, procedeu-se ao exame de algumas cartas do ALS que continham variação lexical.

As cartas observadas, as de nº 124, 125, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 138 e 139, não parecem demonstrar a existência de subdialetos em área sergipana. Apesar da presença de várias lexias para a mesma pergunta, elas não se distribuem em subáreas. Muitas vezes, num mesmo ponto, isto é, numa mesma localidade ocorreram formas distintas. Há pontos em que se registraram cinco formas diferentes.

As lexias documentadas distribuem-se por todo o território de Sergipe, não se tendo percebido situações em que ora no Norte, ora no Sul, ora no Leste ou ora no Oeste tivessem ocorrido determinadas realizações.

³⁹ Sobre “cria da ovelha”, cf. Cardoso (2021), texto inicialmente publicado em 1994.

⁴⁰ A lexia *marrã* não foi documentada na área limítrofe nem foi maioria em nenhum dos estados, contudo foi registrada em ambos os atlas, o que mostra uma equivalência linguística entre Bahia e Sergipe.

⁴¹ A lexia *carneirinho* não foi documentada na área limítrofe nem foi maioria em nenhum dos estados, contudo foi registrada em ambos os atlas, o que mostra uma equivalência linguística entre Bahia e Sergipe.

⁴² Este intervalo se refere à distância temporal entre a aplicação dos questionários linguísticos nos dois estados: na Bahia, entre 1960 e 1961; em Sergipe, entre 1966 e 1967.

A variação diatópica ou geográfica da língua já foi amplamente documentada, discutida, examinada e comprovada, não cabendo aqui comentários teóricos a respeito da validade dos conceitos definidos nos estudos dialetológicos. Mesmo não tendo sido encontradas subáreas dialetais em Sergipe, a teoria da variação diatópica da língua não perde a sua validade.

Sergipe é o menor dos estados brasileiros em extensão e o seu território possui de Norte a Sul uma distância de 251 km e de Leste a Oeste uma distância de 284 km. Talvez o seu tamanho geográfico tenha contribuído para a unidade linguística do seu território.

5. O QUE MOSTRA O ALiB SOBRE BAHIA E SERGIPE

O volume 2 do ALiB traz as primeiras cartas linguísticas que retratam fenômenos linguísticos nos níveis fonético-fonológico, lexical e morfossintático. Entretanto nenhuma carta lexical abrange as lexias aqui estudadas no APFB e no ALS. Assim, em consulta aos questionários (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) e ao banco de dados do ALiB, foram encontradas quatro perguntas que coincidem com algumas das cartas do APFB e do ALS consideradas neste estudo, tendo-se procedido ao levantamento das respostas documentadas nas 10 localidades (oito na Bahia e duas em Sergipe) coincidentes dos três atlas (cf. Quadro 2).

As perguntas do questionário semântico-lexical (QSL) do ALiB tomadas para efeito de comparação foram as de número 059, 071, 079 e 084, reproduzidas a seguir:

- QSL 059 – BORREGO: Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?
- QSL 071 – GAMBÁ: Como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?
- QSL 079 – CABRA SEM CHIFRE: Como se chama a cabra que não tem ___?
- QSL 084 – SANGUESSUGA: Como se chama um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado? (cf. COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

No Quadro 7, a seguir, apresentam-se as lexias documentadas no APFB, no ALS e no ALiB para os quatro referentes comuns aos três atlas, consideradas as localidades da rede de pontos da Bahia e de Sergipe do ALiB que coincidem com as redes do APFB e do ALS (cf. Quadro 2).

Quadro 7 - Comparação de dados do APFB, do ALS e do ALiB.

PERGUNTA	APFB	ALiB - BA	ALS	ALiB - SE
“cria da ovelha”	<i>borrego</i> <i>cabrito</i> <i>marrã</i> <i>carneirinho</i> <i>bezerro</i> <i>bodete</i> <i>bodego</i>	<i>borrego</i> ⁴³ <i>cabrito</i> ⁴⁴ <i>carneirinho(a)</i> <i>bezerro</i> ⁴⁵ <i>filbote (de ovelha)</i> <i>ovelhinha</i> ⁴⁶ <i>bodinho</i>	<i>borrego</i> <i>cabrito</i> <i>marrã</i> <i>carneirinho</i> <i>ovelhinha</i>	<i>borrego</i> <i>cabrito</i> <i>carneirinho</i> <i>ovelhinha</i>
“gambá”	<i>gambá</i> <i>cangambá</i>	<i>gambá</i> <i>sarignê</i> <i>sarnê</i>	<i>cangambá</i>	<i>gambá</i> <i>sarignê</i> <i>sarnê</i>
“cabra sem chifres”	<i>mocha</i> <i>murcha</i> <i>mouca</i> <i>suruca</i> <i>toca</i>	<i>mocha</i> <i>(cabra) sem chifre</i> <i>aleijada</i>	<i>murcha</i> <i>mocha</i> <i>mavô</i> <i>mofina</i>	<i>mocha</i> <i>mavô</i> <i>murcha</i> <i>cabra sem ponta</i>

Continua

⁴³ Ao lado de *borrego*, ocorreu a forma *borreguinho*.

⁴⁴ Ocorreu também a forma *cabritinho*.

⁴⁵ Ao lado de *bezerro*, ocorreu também a forma no diminutivo, *bezerinho*.

⁴⁶ Ocorreu também a forma *ovelhazinha*.

“sanguessuga”	<i>sanguessuga</i> <i>mazá</i> <i>chupão</i> <i>puxão</i> <i>manzuá</i>	<i>sanguessuga</i> <i>lesma</i>	<i>sanguessuga</i>	<i>sanguessuga</i>
---------------	---	------------------------------------	--------------------	--------------------

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode constatar no Quadro 7, cerca de 40 anos depois do APFB e do ALS, o ALiB registra algumas formas tanto na Bahia quanto em Sergipe já documentadas nos atlas anteriores.

Para “cria da ovelha”, são mantidas as lexias *borrego*, *cabrito* e *carneirinho* em ambos os estados e a lexia *ovelhinha*, documentada antes só no ALS, também aparece nos dois estados nos dados do ALiB. As formas *bodete*, *bodego* (registradas no APFB) e *marrã* (registrada do APFB e no ALS) não foram documentadas nas localidades comuns do ALiB. As lexias *filbote* (*da ovelha*) e *ovelhinha* surgem nos dados baianos do ALiB, formas não registradas no APFB.

Para “gambá”, não se registrou a forma *cangambá* no ALiB, mas, ao lado da lexia *gambá*, que predomina, foram documentadas as lexias *sariguê* e *saruê* em ambos os estados, formas que não aparecem no APFB nem no ALS.

Para “cabra sem chifres”, na Bahia, o ALiB registra *mocha*, *cabra sem chifre* e *aleijada* na Bahia, não tendo sido documentadas as lexias *mouca*, *suruca* e *toca* do APFB. Quanto a Sergipe, foram encontradas no ALiB *mocha*, *mavô*, *murcha* e *cabra sem ponta*, esta última não registrada no ALS. A lexia *mofina*, do ALS, não foi registrada no ALiB.

Quanto à “sanguessuga”, com exceção da lexia *lesma*, que ocorreu a um informante da Bahia nos dados do ALiB, a forma *sanguessuga* parece ser hegemônica em ambos os estados. Parecem ter entrado em desuso as formas *mazá*, *chupão*, *puxão* e *manzuá*, registradas no APFB.

Embora só tenham consideradas quatro perguntas do QSL do ALiB de oito localidades baianas e duas sergipanas coincidentes com as redes de pontos do APFB e do ALS, respectivamente, os dados confirmam o contínuo linguístico entre Bahia e Sergipe.

Olhando os dados das capitais, Salvador e Aracaju, documentados pelo ALiB, que não integram as redes de pontos do APFB nem do ALS, foram encontrados os seguintes resultados, apresentados no Quadro 8:

Quadro 8 - Lexias encontradas nas capitais da Bahia e de Sergipe.

PERGUNTA	SALVADOR - BA	ARACAJU - SE
“cria da ovelha”	<i>ovelhinha</i> <i>bezerrinho</i> <i>borrego</i> <i>marrã</i> <i>novilho</i> <i>cabrito</i> <i>carneirinho</i> <i>filbote</i> , <i>filbotezinho</i>	<i>bezerro</i> <i>cabrito</i> , <i>cabritinho</i> <i>borrego</i> , <i>borreguinha</i>
“gambá”	<i>gambá</i>	<i>gambá</i>
“cabra sem chifres”	<i>cabra sem chifre</i> <i>mocha</i>	<i>não tem chifre</i> <i>mocha</i>
“sanguessuga”	<i>sanguessuga</i>	<i>sanguessuga</i>

Fonte: Elaboração própria.

Quanto à “cria da ovelha”, em Salvador, as formas *borrego* e *cabrito* ocorreram duas vezes; as demais tiveram ocorrência única; em Aracaju, *cabrito* (*cabritinho*) teve cinco ocorrências, *bezerro* e *borrego* (*borreguinha*) tiveram duas ocorrências e as demais lexias ocorreram uma única vez. Quanto a “gambá”, a lexia *gambá* foi

categorica em ambas as capitais. Para “cabra sem chifres”, em Salvador, houve uma ocorrência de *cabra sem chifre* e uma ocorrência de *mocha*; em Aracaju, também só foram documentadas duas formas, uma de *não tem chifre* e uma de *mocha* (em ambas as capitais, seis dos oito informantes não souberam responder). Para “sanguessuga”, os oito informantes de ambas as capitais responderam apenas *sanguessuga*.

Cumprir destacar o alto índice de não respostas registrado entre os informantes das capitais no ALiB, devido ao fato de as perguntas fazerem parte de um contexto mais ruralizado: duas informantes de Salvador e uma de Aracaju, todas com nível de escolaridade fundamental, não souberam designar a “cria da ovelha”; duas mulheres, uma de cada capital, não souberam nomear o “gambá”; 12 informantes, seis de cada capital, desconhecem a designação para “cabra sem chifres”; e dois informantes de Aracaju desconhecem a denominação para “sanguessuga”.

6. OUTRAS QUESTÕES PARA O FUTURO

Embora os dados sejam poucos, pode-se questionar a validade de perguntas que integram os questionários dos atlas linguísticos em áreas semânticas que dizem respeito ao léxico rural quando aplicadas a informantes urbanos, como é o caso da *bolsa/bruaca* – “objeto de couro com tampa para levar farinha no lombo do cavalo ou do burro” –, pergunta que integra o QSL do ALiB, que não foi objeto deste estudo, mas exemplifica um caso de algo que não faz mais parte do conhecimento de mundo de muitos falantes. Sem o contato e sem o conhecimento de fatos e fenômenos típicos de áreas rurais, os informantes urbanos, sobretudo os mais jovens, desconhecem muitos conceitos. Na cidade de Itaberaba (ponto 90 do ALiB), por exemplo, nenhum dos quatro informantes inquiridos soube designar a “cabra sem chifres”. Daí o uso de hiperônimos ou nomes genéricos, como *filhote*, e de diminutivos, como *ovellinha* e *carneirinho*, para “cria da ovelha”, e de lexias também genéricas, como *cabra sem chifre* e [*cabra que*] *não tem chifre*.

A manutenção de perguntas desse tipo em inquéritos linguísticos, todavia, permite o registro do desaparecimento de lexias e do surgimento de novas formas para designar referentes muitas vezes desconhecidos ou até mesmo inexistentes na atualidade, seja com o uso de hiperônimos ou nomes genéricos, seja com o uso de lexias que, por analogia ou por extensão metafórica e/ou metonímica, passam a designar outros referentes, como é o caso, por exemplo, de *cabrito*, *cabritinho* e *bodinho* para a cria não só da cabra mas também da ovelha.

Finalmente, cumpre ainda questionar a interpretação de certas respostas documentadas nos atlas sob exame. Sabe-se que no caso do APFB a resposta foi anotada e transcrita de oitiva. Sem o registro magnetofônico, é possível ter havido equívocos na transcrição feita pelos pesquisadores, *in loco*, de vocábulos como, por exemplo, *puxão* e *chupão*, de referência à *sanguessuga*; ou pode ocorrer que uma dessas denominações reflita um caso de hipercorreção, por insegurança linguística do informante.

A lexia *cangambá*, registrada no ALS para “lagartixa”, seria mesmo a forma de nomear esse animal? A forma *manzuá*, registrada uma única vez no APFB, será uma variante de *mazá*? As lexias *mavô*⁴⁷ e *mofina*, com ocorrências únicas no ALS, seriam mesmo respostas válidas para a “cabra sem chifres”? *Mouca*, embora tenha sido documentada em três pontos do APFB, provavelmente é uma variante de *mocha* para designação da “cabra sem chifres”. Esses exemplos ilustram casos de dificuldades na interpretação das respostas obtidas, requerendo-se do inquiridor atual alguma insistência para a obtenção de mais esclarecimentos por parte dos entrevistados. E, no caso de não se haver obtido essa informação durante o inquérito, caberá ao pesquisador, posteriormente, uma exegese rigorosa dos dados.

No caso da pergunta “porco que cresce pouco e engorda muito”, ocorreram no ALS uma única vez as lexias *faixa branca*, *alanchim* e *palanchim*. Será mesmo válida a primeira forma ou o informante respondeu para não dizer desconhecer a designação? As duas últimas lexias devem ser interpretadas como variantes fonéticas?

A forma *miunça* para designar “gado de pequeno porte”, documentada tanto no APFB quanto no ALS, deve ser uma variante fonética de *miúça*, lexia registrada no *Aulete Digital* para, “entre os sertanejos, designação dos gados caprino e ovelhum (Bras., Nordeste)”.

⁴⁷ Forma documentada também no ponto 78 do ALiB (Propriá) com ocorrência única.

As lexias documentadas como denominações para “armadilhas de caça”, no APFB, com uma ocorrência cada, como *carpão/champrão*, *zabumba*, *desordem*, ressentem-se da ausência de explicação quanto à descrição e ao uso de cada uma delas. Encontram-se ainda nas respostas referentes a essas armadilhas nomes de objetos destinados à pesca de peixes ou mariscos, como *munzuá*, e de armadilha para ratos, como a *ratoeira*.

Enfim, ficam aqui perguntas sem respostas, mas que podem provocar uma reflexão sobre a metodologia de coleta de dados, no sentido de alertar os inquiridores sobre a necessidade de confirmação junto aos informantes das respostas enunciadas, com a solicitação da descrição do referente, por exemplo. Esses questionamentos podem instigar ainda futuros trabalhos de natureza léxico-semântica ou semasiológica sobre as lexias aqui destacadas, o que não foi objeto deste artigo, que se limitou à comparação de registros das formas nos três atlas considerados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se restringiu ao nível lexical e às cartas selecionadas e não pretende ser definitivo, mas sim um passo para que mais adiante se possa afirmar com mais segurança as conclusões que ora se registram.

A partir do exame das cartas do APFB e do ALS e de dados do ALiB que compuseram o *corpus* de análise deste trabalho, pôde-se observar que Bahia e Sergipe, integram uma mesma área dialetal no sentido de que Sergipe dá continuidade à realidade linguística baiana.

Observando mais atentamente as cartas sergipanas, pôde-se constatar uma unidade linguística em Sergipe no sentido de que não se identificaram aí subáreas dialetais.

Comparando o APFB, o ALS e o ALiB, atlas distribuídos ao longo de cerca de 40 anos, confirma-se a proposta de Nascentes (1953) de que Bahia e Sergipe integram um mesmo subfalar, o “baiano” nas palavras do mestre filólogo. Embora muitas designações tenham entrado em desuso, as que se mantêm continuam sendo comuns aos dois estados e as semelhanças são perceptíveis tanto quando consideradas localidades do interior como quando consideradas as capitais, pelo menos no que se refere a alguns conceitos das áreas semânticas da Fauna e de Atividades Pastorais consideradas neste artigo.

O presente trabalho serviu ainda para confirmar a importância da Dialectologia, sobretudo dos atlas linguísticos, sem o que não se conheceria a realidade linguística brasileira, cuja diversidade é por todos reconhecida.

O exame das designações de outros referentes e de outras áreas semânticas poderá ratificar ou refutar a hipótese aqui defendida: a de que Bahia e Sergipe formam um contínuo linguístico que se mantém ao longo da história da língua.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AULETE DIGITAL. *Dicionário*. Disponível em: <https://www.aulete.com.br>. Acesso em: 13 jan. 2021.

BARBADINHO NETO, Raimundo (org.). *Estudos filológicos*: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. v. 1.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, Vanderci de Andrade; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; ISQUERDO, Aparecida Negri; RAZKY, Abdelhak; MARGOTTI, Felício Wessling; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Atlas lingüístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014. 2v.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; ROLLEMBERG, Vera. A vitalidade de ‘sarolha’ nos falares baianos. *In*: FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; SILVA, Myrian; ANDRADE, Nadja; SILVA, Rosa Virgínia; ROLLEMBERG, Vera; FREITAS, Judith. *Diversidade do português do Brasil*: estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p. 43-51.

- CARDOSO, Suzana. Designações para ‘cria da ovelha’ e a história do português do Brasil. In: FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; SILVA, Myrian; ANDRADE, Nadja; SILVA, Rosa Virgínia; ROLLEMBERG, Vera; FREITAS, Judith. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p. 125-140.
- CARDOSO, Suzana. Designações para ‘cria da ovelha’ e a história do português do Brasil. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira de (org.). *Suzana Cardoso: um legado para a dialetologia brasileira*. Londrina: EDUEL; Salvador: EDUFBA, 2021. p. 105-121.
- CARDOSO, Suzana. Tinha Nascentes razão? Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 5, p. 47-59, 1986.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas lingüístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Carlota. Atlas prévio dos falares baianos: alguns aspectos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998. p. 15-29.
- FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra Andrade; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1987.
- FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Sergipe e Bahia: algumas diferenças lexicais. In: FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; SILVA, Myrian; ANDRADE, Nadja; SILVA, Rosa Virgínia; ROLLEMBERG, Vera; FREITAS, Judith. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p. 111-123.
- FERREIRA, Carlota; ROLLEMBERG, Vera. Neutralização do traço continuidade em área brasileira (Bahia e Sergipe). In: FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; SILVA, Myrian; ANDRADE, Nadja; SILVA, Rosa Virgínia; ROLLEMBERG, Vera; FREITAS, Judith. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p. 91-100.
- GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas linguistique de la France*. Paris: Champion, 1902-1910. 9v.
- MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a dialetologia no Brasil. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice (org.). *Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-34.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. A geossociolinguística do português brasileiro: o que é? Como se faz? In: CARVALHO, Cristina dos Santos; LOPES, Norma da Silva; RODRIGUES, Angélica (org.). *Sociolinguística e funcionalismo: vertentes e interfaces*. Salvador: EDUNEB, 2020. p. 53-78.
- PEREIRA, Tháís Dutra. *A fauna na Bahia e em Sergipe, ontem e hoje*. 2021. 120 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. Em andamento. Texto apresentado ao exame de qualificação.
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Introdução. Questionário comentado. Elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1965.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. *Cartografia e georreferenciamento na geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

THUN, Herald. O velho e o novo na geolinguística. Tradução de Cláudia Pavan, Gabriel Schmitt, Eduardo Nunes e Viktorya Santos. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, v. 40, p. 59-81, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87208/50004>. Acesso em: 19 jan. 2022.

VOLP. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021-2022. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 13 jan. 2021.

WINKELMANN, Otto. *Untersuchungen zur Sprachvariation des Gaskognischen im Val d'Aran (Zentralpyrenäen)*. Berlin: De Gruyter, 2011.